

OS TEMAS E OS PROBLEMAS

UM SABER EM ESPIRAL:
DESAFIOS AO CONHECIMENTO
HUMANO NO SÉCULO XXI

NESOLOGIA: PECULIARIDADES
GNOSIOLÓGICAS DAS ILHAS

CONHECIMENTO CIENTÍFICO E
HUMANIZAÇÃO DA PAISAGEM

HISTÓRIA DA MADEIRA

CULTURA, LINGUAGENS E
CRIAÇÃO ARTÍSTICA

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO
HUMANA E PROFISSIONAL
E DESAFIOS DA SOCIEDADE
MADEIRENSE

POLÍTICA, SOLIDARIEDADES,
COMUNICAÇÃO E DIÁSPORAS



Conhecer é a forma suprema da razão humana dominar o mundo, ou seja, de se sentir senhora da vida e da terra habitada. A sistematização do conhecimento de forma distinta e organizada por disciplinas decorre, entretanto, da vontade de ordenar o caos do saber. O conhecimento sistemático oferece-nos então um mapa orientador, que nos dá a impressão pacificante de que abarcamos a realidade e dominamos o caos.

Cada época cultural sentiu a necessidade de realizar esta sistematização, quer em versão de compêndios multidisciplinares, quer em versão de enciclopédia.

Esta obra resulta justamente de um evento científico realizado no quadro de um grande projeto de produção de um novo saber enciclopédico sobre a região autónoma da Madeira.

Foi a partir dos resultados de pesquisa e das reflexões apresentadas nesse evento que esta obra se estruturou, assumindo-se que o maior dos desafios seria uma aposta forte na interdisciplinaridade e na discussão das suas possibilidades e dos seus limites em tempos de acentuada especialização.

Os que se interessam pelos temas madeirenses, articulados e enquadrados por reflexões epistemológicas que interessam à problematização do processo de produção de conhecimento no século XXI, encontrarão aqui, com certeza, leituras estimulantes.

QUE SABER{ES}
PARA O SÉCULO XXI?



HISTÓRIA, CULTURA E
CIÊNCIA NA MADEIRA



QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA



COORDENADORES
JOSÉ
EDUARDO
FRANCO
E CRISTINA
TRINDADE

COORDENADORES
JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE

OS AUTORES

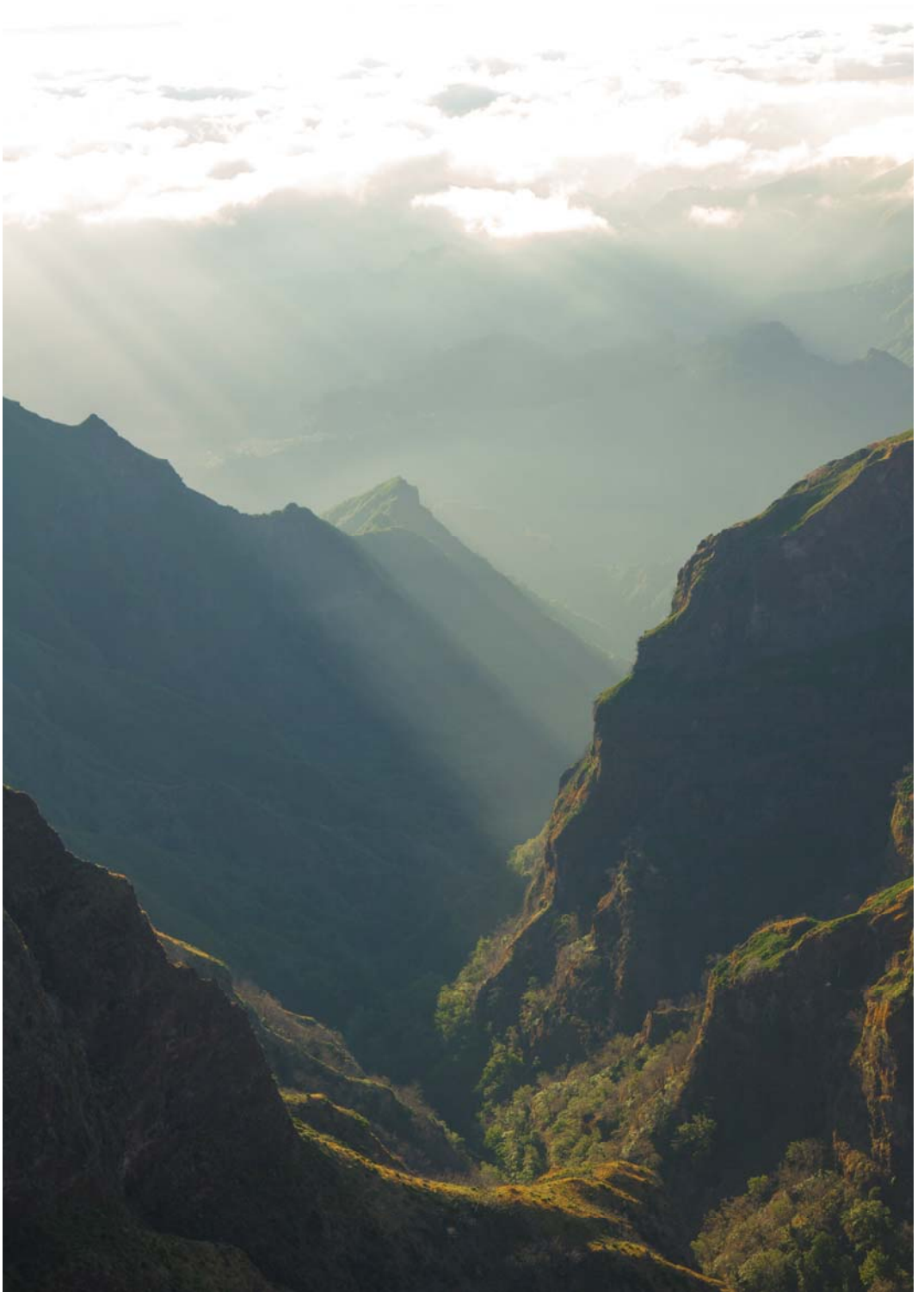
Alberto Vieira
Aline Bazenga
Ana Cristina Trindade
Ana Londral
Annabela Rita
Carla Lucas
Carlos Valente
Catarina Faria
Cristina Coelho
Cristina Trindade
Custódia Drumond
Daniela Marcheschi
Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira
Guilherme Silva
Isabel Santa Clara
Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho
João David Pinto Correia
João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco
José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves
Luís Machado de Abreu
Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares
Marc Augé
Miguel Sequeira
Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues
Raimundo Quintal
Rui Carita
Simão Silva
Teresa Norton Dias
Thierry Proença
Thomas Dellinger
Viriato Soromenho-Marques

Projeto 'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira'
apoiado pelo programa Intervir +
www.aprenderamadeira.net

ISBN 978-989-680-133-5
9 789896 801335

ESFERA DO CAOS
EDITORES

apca



• COLEÇÃO ESTUDOS INSULARES •

DIREÇÃO

José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira

CONSELHO CIENTÍFICO CONSULTIVO

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Rita Londral
Carlos Valente, Cristina Trindade, Custódia Drumond
Eduardo Jesus, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
João David Pinto-Correia, Jorge Freitas Branco
José Agostinho Jardim Gonçalves, Luísa Marinho Antunes Paolinelli
Luísa Soares, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Renato Gonçalves
Rui Carita, Saturino Gomes, Sílvio Fernandes, Simão Daniel Silva,
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger

A condição insular foi geradora de cultura, de literatura, de modos de estar e de pensar com matizes peculiares conferidos pela mundividência de quem nasceu com a marca de ter o mar como grande e vasta fronteira. Esta coleção pretende publicar obras sobre autores, temas e problemas que valorizem a herança cultural gerada nas ilhas, nomeadamente nas ilhas portuguesas.

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

Esta obra foi publicada no âmbito do projeto
'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira',
apoiado pelo programa 'Intervir +' www.aprendermadeira.net

TÍTULO

Que Saber(es) para o Século XXI?
História, Cultura e Ciência na Madeira

COORDENADORES

José Eduardo Franco e Cristina Trindade

AUTORES

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Londral, Annabela Rita
Carla Lucas, Carlos Valente, Catarina Faria, Cristina Coelho
Cristina Trindade, Custódia Drumond, Daniela Marcheschi, Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira, Guilherme Silva, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho, João David Pinto-Correia, João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco, José Eduardo Franco, José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves, Luis Machado de Abreu, Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares, Marc Augé, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Rui Carita, Simão Silva
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger, Viriato Soromenho-Marques

DIREITOS RESERVADOS

© Esfera do Caos Editores, APCA e Autores

DESIGN DA CAPA

DesignGlow

FOTOGRAFIAS EXTRA-CAPÍTULOS

(SEPARADORES DE PARTES E SECÇÕES, E PÁGINAS INICIAL E FINAL)

© Florentino Bernardes Franco

IMPRESSÃO E ACABAMENTO ACD PRINT

DEPÓSITO LEGAL 385734/14

ISBN 978-989-680-133-5

1ª EDIÇÃO Dezembro de 2014

ESFERA DO CAOS EDITORES

Campo Grande
Apartado 52199
1721-501 Lisboa

www.esferadocaos.pt

APCA – AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Estrada Comandante Camacho de Freitas, 516
9020-152 Funchal

www.apca-madeira.org

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

COORDENADORES

JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE


ESFERA DO CAOS
EDITORES


apca
AGÊNCIA DE | PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Artes Performativas na Madeira: temas e problemas

Teresa Norton Dias

Universidade da Madeira
CEMRI-LabAV/UAb

Introdução

A proposta com que a coordenação das entradas relativas às Artes Performativas se apresentou no I Simpósio Internacional *Que Saber(es) para o Século XXI? História, Cultura e Ciência na/da Madeira* pretendeu constituir-se como um ponto de partida, não só para o que a História nos revela, mas também para a necessária reflexão sobre esta matéria. À vontade de nos debruçarmos sobre cada uma das personalidades, ou cada uma das instituições, acresceu a curiosidade de, ao menos forçosamente, repensarmos o presente. Foi este exercício que convidámos os presentes a fazer, após esta primeira reunião com muitos dos envolvidos no projeto *Aprender a Madeira*.

Debruçámo-nos sobre a designação atribuída à área que viria a acoplar as expressões artísticas que, por norma instituída, se apresentam em palco e que por força da exigência criativa se provou já, e desde há muito, se podem apresentar em espaços alternativos, denominando-se, na absorção do conceito anglo-saxónico, por *performance*. À Dança, à Música e ao Teatro agregámos temas e problemas em torno de três grandes aspetos: Ensino artístico; Artistas e Profissionais da Arte; Espaços e Equipamentos.

Artes Performativas: em torno da terminologia escolhida

“Artes de Palco” seria a designação esperada para o agrupamento que inclui entradas de personalidades e instituições que se destacaram pela sua atividade na Região Autónoma da Madeira (doravante designada por RAM), nas áreas de expressão artística como a Dança, a Música e o Teatro. Atente-se no que, no entanto, Goldberg nos explica relativamente à *performance*, ao afirmar que:

A história da performance no século XX, é a história de um meio maleável e indeterminado, com infinitas varáveis, praticado por artistas insatisfeitos com as limitações das formas mais estabelecidas e decididos a pôr a sua arte em contacto direto com o público.¹

Este aspeto levou a organização a considerar a designação “Artes Performativas” como mais abrangente e, conseqüentemente, mais completa, na medida em que termos como “instalação” para as Artes Plásticas e “performance” para as Artes de Palco, fazem, em pleno século XXI, parte do quotidiano das opções performativas de artistas e instituições.

Na certeza de que o público assume sempre, no âmbito das Artes Performativas, um papel fundamental, convidámo-lo a fazer connosco o exercício de tentar responder à pergunta “o que são para mim as Artes Performativas?”, dando como exemplo a sequência mais ou menos intuitiva “Música, Teatro e Dança”, lembrando, no entanto, que alfabeticamente se ordenam como “Dança, Música e Teatro” e que, historicamente, no âmbito das políticas educativas em Portugal acontecem como “Música, [Artes Plásticas], Teatro e Dança”. A ideia deste exercício é ajudar-nos a compreender a ligação à forma como socialmente nos posicionamos perante as artes no ensino, interrogando-nos sobre em que medida crescemos com esta realidade: se mais dentro, se mais fora dela. Acresce a esta realidade uma outra que nos ajudará a compreender a nossa história. Colocamos então uma nova questão de que abaixo se trata.

Que peso para a insularidade?

A descontinuidade territorial com que a RAM aprendeu a crescer, ora sinónimo de distanciamento do poder central, ora ensejo para pensar a sociedade à sua volta, constituiu-se quase sempre na mais-valia de se potencializarem os recursos locais.

A distância da Madeira ao Continente, as dificuldades de comunicações – a falta de um maior convívio ou contacto com a metrópole e suas instituições culturais levou o estudioso ou intelectual madeirense

¹ RoseLee Goldberg, *A Arte da Performance*, 2.^a ed., Lisboa, Orfeu Negro, abril de 2012, p.10.

a agrupar-se em “círculos de estudos”, clubes ou tertúlias literárias – em que o Funchal foi pródigo.²

Registe-se contudo, como apontamento, por exemplo, no Estudo de Avaliação do Ensino Artístico coordenado por Domingos Fernandes e publicado no Relatório Final Revisto (2007), o aparecimento por duas vezes apenas e em legenda da menção da realidade insular. Utiliza esta informação em dois gráficos relativos à Academia de Música da Madeira no ano letivo de 1950/51. Que enquadramento para a realidade regional?

Ensino Artístico

Nesta matéria voltámos a convidar ao exercício de reflexão, colocando as seguintes questões: **Para quem** o ensino artístico? **Que tipo de ensino** artístico? Especializado? Integrado? Técnico? Superior? **Que lugar** para a educação pela arte?

Vejamos abaixo alguns exemplos de publicações recolhidas no periódico local *A Flor do Oceano*, do século XIX:

“ANNUNCIOS (08-01-1837). A nova escola para educação da mocidade portugueza à poucos dias anunciada ao Respeitável Publico, que se abriria nesta Cidade em o presente mez de Janeiro; aonde se ensinará a ler, escrever, contar, Grammatica Portugueza, Geographia, e tambem a língua Ingleza - **Pianno forte, musica vocal, Guitarra Fran-ceza, e Desenho**; e que **será presidida e dirigida por o Cónego Thomaz Tolentino da Silva**, e atendida por pessoas mui distintas por sua moral, e inteligência; se abrirá no dia 16 do presente mez de Janeiro, nas Casas, que ficão junto à torre da sé, rua do Aljube. Na Casa Nº 18 Rua Direita **haverá lições à noite em classe ou fóra dela para as pes-soas que quiserem aprender Inglez, ou Musica.**”³

“PROSPECTO (12-09-1839). Do Collegio para Educação de Meninas, ao cuidado e direcção de Felisberta Augusta Teixeira, na Rua dos Medinas Nº13. [...] - Os objectos de ensino são os seguintes: Ao cuidado do Snr. António Maria Furtuoso [Fructuôso] da Silva - **PIANO - Três lições por Semana a cada menina, a 200 rs., por lição. Ao cui-**

² César Pestana, “Academias e Tertúlias da Madeira. O Cenáculo”, *Revista Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, vol. VIII, n.º 38, 1966, pp. 21-23.

³ Base de Dados, Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia, *A Flor do Oceano*, 08-01-1837. Sublinhados nossos.

dado do Snr. Germano Soares - DANÇA - Três lições por Semana a cada menina, 100 rs. por lição.(...).⁴

Ainda, e a título de exemplo, a descrição da constituição de um grupo de teatro, em meados do século XIX:

“Quando o teatro ‘Concórdia’ vinha já em decadência, pela redução dos membros da sociedade dramática, **apareceu um novo grupo de amadores**, em que entravam senhoras da melhor camada social, e entre elas, D. Vicência Figueiroa de Freitas, concorrendo bastante para assás melhora, pois além de pessoa abastada, era uma entusiástica ensaiadora. O grupo tomou o nome de ‘Tália’, buscado a uma das nove Musas, a inventora da comédia. Depois de organizado convenientemente, **apareceu em festas nos salões particulares do Funchal**, adquirindo bastante simpatia, louvado no desempenho. Conseguiu deste modo **angariar os fundos** precisos para se estabelecer em casa própria situada no Largo do Pelourinho...”⁵

Como conjugar “Arte na Educação” em todos os ciclos de estudo e de forma articulada/integrada? No que diz respeito ao Ensino Artístico – especializado, integrado, técnico, superior –, olhando as referências regionais – Orquestra(s), Companhia(s) de Teatro, Companhia(s) de Dança – e as saídas profissionais, de que forma caminhámos nos últimos dois séculos?

Das variadas personalidades retratadas no trabalho que se encontra a ser desenvolvido, destacamos o trabalho realizado por Luiz Peter Clode, incontornável figura do desenvolvimento regional do Ensino Artístico. Acreditamos numa mudança de paradigma, isto é, cremos que, com a criação, em 1943 (considere-se aqui o período histórico que se vivia) da Sociedade de Concertos da Madeira, se passa da aposta na esfera privada da alta sociedade madeirense para a aposta na esfera pública. Propomos que se lance um novo olhar sobre o trabalho liderado por esta personalidade, reconhecendo em que medida as instituições que ajudou a fundar constituem, setenta anos depois, uma referência regional. Vejamos:

⁴ Base de Dados, Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia, *A Flor do Oceano*, 12-09-1839. Sublinhados nossos.

⁵ Alberto Artur Sarmiento, “Teatros Antigos na Madeira. Teatro *Tália* e depois *Tália e Marte*”, *Revista Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, vol. VII, n.º 37, 1945, pp. 81-94. Sublinhados nossos.

- 1943 – Sociedade de Concertos da Madeira: educa públicos, promovendo concertos regulares;
- 1946-1963 – Academia de Música da Madeira (1946); acrescentando as valências Artes Plásticas, em 1956, e Línguas, em 1963: promove o Ensino Artístico;
- 1948 – Posto Emissor de Radiodifusão do Funchal: cria espaço de difusão musical;
- 1948-1971 – Revista *Das Artes e da Cultura da Madeira*: cria publicação de divulgação cultural;
- 1964 – Orquestra de Câmara da Madeira: cria referências constituindo uma orquestra.

Depois de uma visita à Madeira, o Dr. José Hermano Saraiva, então Ministro da Educação Nacional (1968-70), fala ao Dr. Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros (1968-74), sobre a possibilidade de se criar uma Universidade na Madeira a partir de todo o trabalho já desenvolvido na Região **no seio das suas academias**, convicto de que ... *as universidades devem ser como árvores: nascem do chão e não do céu, da semente real e não de um decreto*⁶.

À importância desta salientada “semente real” acrescentamos as palavras de António Calisto de Andrade que escreve, aquando de uma cerimónia em homenagem a Luiz Peter Clode: “A história da Cultura é a história dos homens de Cultura. Suas dinâmicas, seus trabalhos, seus empenhamentos, suas desilusões e suas próprias obras. O Engenheiro Luiz Peter Clode é um desses homens!”⁷

Artistas e Profissionais da Arte: Ser autodidata, ser artista profissional

Este seria porventura o aspeto mais delicado deste nosso convite à reflexão, não fossem os inúmeros escritos já existentes sobre a importância da formação académica dos artistas, associada à capacidade criativa de cada um e ao papel social da sua obra.

⁶ José-Freitas Gomes e Inez Clode, *O Eng.º Luiz Peter Clode e o Espólio Legado ao Arquivo Regional da Madeira*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura/DRAC/ARM, 2005. Sublinhados nossos.

⁷ *Jornal da Madeira*, 23.03.1985, p. 26.

‘A ideia contranatural de uma cultura de nascimento, de um dom cultural, outorgado a alguns pela Natureza, pressupõe e produz a cegueira relativamente às funções da instituição que garante a rentabilidade da herança cultural, além de legitimar a sua transmissão, dissimulando que ela desempenha tal função: a Escola é, com efeito, a instituição que por seus veredictos formalmente irrepreensíveis transforma as desigualdades diante a cultura, socialmente condicionadas, em desigualdades de sucesso, interpretadas como desigualdades de dons que são, também, desigualdades de mérito.’⁸

Às palavras de Bordieu & Darbel, aditamos as de Reed, fundador da *International Society of Education Through Art* (InSEA), uma organização não governamental criada pela UNESCO a seguir ao final da II Guerra Mundial: “[...] sejam quais forem as idiossincrasias que o indivíduo possa ter ao nascer, é dever do professor irradiá-las...”⁹

A profissionalização com a escolaridade mínima obrigatória deve ser ponderada em função de níveis diferenciados de formação:

No caso da EDCN [Escola de Dança do Conservatório Nacional], talvez mais do que nos conservatórios do ensino da Música, parece assumir-se que a formação que aí é proporcionada é de natureza terminal, profissionalmente qualificante, considerando-se que a formação superior é de qualidade inferior e com níveis de exigência muito elementares.¹⁰

Espaços e Equipamentos

Por que razão precisamos de espaços específicos para o exercício do ensino/aprendizagem nas diversas formas de expressão artística? Porque é que precisamos de espaços para a demonstração dos conhecimentos adquiridos? De que tipo de investimento estamos a falar? De que espaços falamos na Região? Na Região falamos de um Teatro e um Cineteatro Municipais; de variadíssimas Associações Culturais; algumas Casas da Cultura; muitos Centros Cívicos e Casas do Povo; Paróquias e Salões Paroquiais com espaços cedidos para a realização de grande varie-

⁸ Bordieu & Darbel, *apud* DomingosFernandes *et al* (coord.), *Estudo de Avaliação do Ensino Artístico*, Relatório final, 2007. Sublinhado nosso.

⁹ Herbert Reed, *Educação pela Arte*, Lisboa, Edições 70, 2007 [1943].

¹⁰ DomingosFernandes *et al* (coord.), *Estudo de Avaliação do Ensino Artístico*, Relatório final, 2007, p.75. Sublinhados nossos.

dade de manifestações culturais. E de que precisamos? Que políticas de gestão/programação estão implementadas? O que pedem e o que oferecem? Que mobilidade proporcionam?

Estas e outras questões constituem porventura uma mão cheia de interrogações para cujas respostas gostaríamos que o *Dicionário Enciclopédico da Madeira* contribuísse e apelasse a uma reflexão.

Nota final

Depois de termos pululado este texto com questões às quais cada um reconhecerá pertinência na medida da sua preocupação, acrescentamos como nota final e em jeito de reflexão, as palavras de Luiz Peter Clode, que integraram o edital do primeiro número de a *Revista Das Artes e da História da Madeira*, publicado pela Sociedade de Concertos da Madeira, relativo aos anos de 1950-51:

Dessa experiência resta-nos a consolação de que esse Suplemento [de “O Jornal”] despertou grande interesse tanto no meio culto da Madeira, como em Portugal continental e Brasil. Com esse incentivo financeiro da S.C.M. [Sociedade de Concertos da Madeira] e a colaboração preciosa dos melhores escritores madeirenses, **prosseguiremos na convicção plena de que seremos úteis à nossa terra e que os derrotistas, que se topam infelizmente a todos os cantos, hão de sucumbir perante a força de vontade dos nossos colaboradores e da grande obra da Sociedade de Concertos da Madeira, já patente aos olhos de todos.**¹¹

¹¹ Luiz Peter Clode (1950-51), *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, vol. 1, n.º 1, 1950-51. Sublinhados nossos.